

Estamos apresentando mais um número de nossa publicação que tenta se aperfeiçoar e crescer pouco a pouco. Começamos neste momento, a selecionar os artigos que nos são enviados a partir da opinião de especialistas na área relativa ao trabalho. Isso proporcionará uma melhoria da revista a médio prazo, o que deve fortalecer a especialidade.

Paralelamente, a nossa área de atuação continua a ter problemas.

Embora esteja sendo criado um Departamento de Psiquiatria Infantil na Associação Brasileira de Psiquiatria, com todo o apoio e incentivo de seu presidente e pela primeira vez tenhamos um espaço marcante no próximo Congresso Brasileiro de Psiquiatria, continuamos tendo dificuldades na regularização de nossa especialidade uma vez que o Conselho Federal de Medicina ainda não se pronunciou a respeito, mesmo após três anos de insistentes pedidos.

Parece-nos que, como em muitas outras áreas fazemos questão de caminhar na contramão da história.

É impossível pensarmos que a Psiquiatria da Infância e da Adolescência não possua uma tal especificidade, tanto a nível de formação profissional como de atendimento, que leve à delimitação de um campo definido de saber com peculiaridades e características próprias.

Somente total desconhecimento ou defesa de interesses corporativos podem levar à negativa do seu reconhecimento enquanto especialidade autônoma.

Essa negativa entretanto não apresenta somente repercussões políticas.

Suas conseqüências sociais são imensas uma vez que desestimula a formação de novos especialistas. Tal fato ocasiona o abandono da saúde mental da criança a leigos ou não médicos, muitas vezes, ainda que imbuídos de boa vontade, sem conhecimentos técnicos adequados.

Assim, é a população infantil que paga o preço dessa miopia política e institucional.

São os 5% de deficientes mentais, os quase 1% de Autistas, os inúmeros portadores de Distúrbios de Atenção, a legião dos que apresentam dificuldades escolares e de comportamento, enfim uma infinidade de crianças que juntamente com suas famílias, sofrem a conseqüência da irresponsabilidade e da ignorância.

Acreditamos entretanto que gradativamente se percebe que a Psicopatologia Infantil é um dos ramos do conhecimento que mais se desenvolveu nos últimos vinte anos e que, por isso, a própria sociedade demanda um número cada vez maior de profissionais graduados.

Esperamos que os tempos que se aproximam tragam essa possibilidade de estruturação que nos permitirá, ainda que tardiamente, iniciar um caminho amplo, necessário e difícil: o do atendimento psiquiátrico à criança e ao adolescente brasileiro.

Prof. Dr. Francisco B. Assumpção Jr.